

O Ensino da Comunicação e a Prática do Laboratório de Radiojornalismo do Centro Universitário Feevale

Neusa Maria Bongiovani Ribeiro ¹

Marcos Santuário ²

“Há uma profunda mudança de perspectiva: julgava-se que o mundo moderno estava unificado enquanto a sociedade tradicional estava fragmentada. Hoje, ao contrário, a modernização parece levar-nos do homogêneo para o heterogêneo no pensamento e no culto, na vida familiar e sexual, na alimentação ou no vestir-se”.

Alain Touraine

RESUMO

Neste artigo, a partir da reflexão e de questionamentos sobre a agilidade, volatilidade e quantidade de informações disponíveis aos acadêmicos, que contrastam com as dúvidas pessoais e a falta de informação para a escolha profissional, o que se quer é avaliar as condições de reciclagem e o uso do conhecimento pelo professor em sala-de-aula, que também recebe influências deste volume de informações disponibilizadas pela mídia. Pela prática exercida no Núcleo de Radiojornalismo do Centro Universitário Feevale, a proposta é que se repense este fazer da sala-de-aula/laboratório. O objetivo desta discussão passa pelo desejo de estimular o estudante enquanto sujeito-cidadão-profissional, que não se forma, apenas, para o mercado de trabalho, mas estrutura-se para o exercício de uma profissão que, através de sua intervenção, colabora para a construção de um tecido social voltado para a solidariedade, a justiça e o bem comum da sociedade.

Palavras-chave: Práticas de ensino; radiojornalismo; laboratórios de comunicação; jornalismo e ensino; radiojornalismo e ensino.

ABSTRACT

Nowadays, when thinking and asking about: agility, volatileness and available information to the academic students, who contrast with their personal doubts and professional choices without some necessary informations, we purpose, by this new article, to avalue the new learning conditions and how the media information can influence teachers in class. The practical exercise in The Newsradio (Radiojornalismo) Nucleus, here at Feevale University Centre, made possible to

think about the didactic process again. The objective of this discussion is to stimulate the student thinks about their citizen and professional paper and how they can help the society working with solidarity, justice and kind acts.

Keywords: communication communitary; news populars; newsradio.

INTRODUÇÃO

Exercer atividade didático-pedagógica nos dias atuais, com estudantes do Curso de Comunicação do Centro Universitário Feevale, localizado em Novo Hamburgo, cidade pólo da região coureiro-calçadista do Rio Grande do Sul, num laboratório de radiojornalismo, requer dos professores algo mais do que o preparo técnico e metodológico necessários, tão fundamentais para o exercício cotidiano do ensino de disciplinas técnicas ou teóricas.

Pretende-se, com este artigo, iniciar uma discussão sobre o ensino de comunicação, baseado na prática das disciplinas de *Introdução ao Rádio e Radiojornalismo*, exercidas nos períodos letivos de 2001 a 2005, mas também estender um olhar e pensar sobre a prática realizada com jovens da faixa etária dos 18 aos 23 anos, ou mais, que saem de uma escola secundária - com precariedades na formação

¹ Mestre e doutoranda em Comunicação e professora do ICSA/FEEVALE. E-mail: neusaribeiro@feevale.br

² Mestre em Comunicação e professor do ICSA/FEEVALE. E-mail: santuario@feevale.br

- para o curso universitário profissionalizante.

Inicialmente, ao se pensar no sentido mais “doméstico” da expressão “profissional de comunicação”, nos dias atuais, tanto para os estudantes quanto para os professores, estabelece-se um raciocínio sobre a formação dos profissionais de comunicação e os conteúdos trabalhados em sala-de-aula, seja teoricamente ou nas práticas experimentais dos laboratórios.

Ao se trabalhar em sala-de-aula as perspectivas de desempenho daqueles estudantes para o exercício da profissão de jornalista ou de comunicador (se incluímos as atividades de outros cursos, como o de Publicidade e Propaganda e o de Relações Públicas, e ainda as fragmentações do jornalismo, voltadas para o Radiojornalismo e o Telejornalismo), verificar-se-á no âmbito das escolhas pessoais, muitas dúvidas, incertezas e muita falta de informação sobre os cursos e a formação acadêmica. A situação fica evidente a partir da realização de exercícios escritos sobre o assunto, no contato dos primeiros dias de aula, ou em diferentes momentos de discussão sobre a carreira profissional durante o curso.

Tudo isso em meio a um turbilhão de informações disponibilizadas nos diferentes *sites* da Rede Mundial de Computadores, dos diferentes meios de comunicação, pelas próprias universidades e centros universitários espalhados pelo país e fora dele. Ao se analisar sob esta ótica, não seria admissível para um jovem de 20 anos, hoje, a dificuldade na escolha do curso, enfim, de sua melhor formação para o exercício profissional no mercado da Comunicação.

Tal contraste chama a atenção entre as dúvidas para a definição de uma escolha pessoal, já que a quantidade de informação disponibilizada realmente é incomensurável, principalmente se isto for tratado sob a ótica dos diferentes instrumentos mediáticos disponíveis. Por mais que se difundam conceitos e sejam disponibilizadas informações ao público em geral, os jovens chegam nas universidades sem saber o que quer dizer a expressão “profissional de comunicação”.

E será que a maioria dos atuais professores das escolas de comunicação o sabem? Quando se faz este questionamento, pensa-se no que realmente os professores que formam esses novos profissionais estão trabalhando em seus conteúdos e práticas de ensino, na medida em que há uma série de mudanças empreendidas no mercado da comunicação, com tecnologias tão inovadoras, que não permitem, inclusive ao professor, essa atualização tão rápida.

O acelerado conhecimento imposto pela grande mídia, com a própria aplicação das práticas de novos elementos tecnológicos, não oferece aos professores uma formação aprimorada, disponível igualmente para que esses novos conhecimentos sejam repassados aos estudantes, a não ser que o professor tenha recursos próprios para tanto. Neste sentido, os seus conhecimentos são renovados, ou através do acúmulo teórico, ou através da pesquisa ou, ainda, no exercício prático da profissão, do “fazer-ser” jornalista, inserido no contexto geral da profissão, quando há tempo para isso. No entanto, este exercício, na prática da sala-de-aula, torna-se mais difícil, na medida em que os professores se dedicam exclusivamente ao ensino-aprendizagem, afastando-se da prática cotidiana dos veículos de comunicação, quando grande parte destes docentes se origina da própria profissão de jornalista ou comunicador.

Dessa forma, é também pertinente se pensar, neste momento, em que o turbilhão relacionado ao mercado de trabalho, à formação e às questões éticas da profissão, que interferem diretamente neste saber, inclusive dos professores, imposto pelas novidades tecnológicas proporcionadas pelas empresas de comunicação, instigantes aos jovens, ultrapassam os limites da academia e a tornam defasada.

É fundamental, no entanto, que se pense nos caminhos técnicos, primeiramente, para o desenvolvimento da profissão, oferecidos pelas empresas, e o que é oferecido na prática acadêmica dos laboratórios das universidades. Ao se perceber a precariedade das atividades nas universidades públicas, verificar-se-á uma situação quase de *caos*, em alguns casos pontuais, no uso de laboratórios que operam em péssimas condições, muitas vezes quase sem

equipamentos e que apenas existem para constatar do currículo no final do curso. Já os cursos particulares, muitos deles oferecem espaços de produção técnica, com laboratórios bem equipados e pouca preocupação com a formação teórica, ou o conteúdo mais conceitual e de estruturação do pensamento para o exercício profissional.

Há, ainda, uma outra lógica interessante, que seria aquela em que se tenta unir os elementos técnico-teóricos na otimização dos espaços experimentais para o melhor aproveitamento do estudante e o exercício prático de ensino-aprendizagem, não limitando o professor no espaço da sala-de-aula.

Este é o ponto básico dessa discussão: o que é mesmo ser profissional de comunicação neste mundo, que se modifica tão velozmente, em que os saberes são tão mais facilmente repassados pela Rede Mundial de Computadores? Neste mundo, no qual a televisão transmite conflitos e guerras, como a guerra dos Estados Unidos contra o Iraque, como se transmitisse um jogo de futebol, cotidiano. E, à medida que a sociedade começa a perceber de outra forma, esse jogo político-ideológico estabelecido perde o interesse, assim como a própria mídia perde o estímulo para a cobertura depois de um mês de explosões e mortes?

Quais os métodos mais adequados aos professores de Comunicação para trabalhar esses temas em sala-de-aula? Qual é a reciclagem mais eficiente para que o professor tenha o domínio desses conhecimentos, dessas informações e possa transformá-los em elementos estimuladores de um processo mais prolongado na formação de novos profissionais? E como se coloca a discussão sobre ética profissional, diante dos conflitos plenamente constatáveis a partir do uso, por exemplo, do recurso do chamado “estágio” pelas empresas de comunicação?

Sem dúvida nenhuma, o tema é riquíssimo, tendo-se em vista, inclusive, a preocupação de várias entidades representativas do tecido social em relação à formação dos profissionais de comunicação como, por exemplo, a Federação Nacional dos Jornalistas que discute, há al-

gum tempo, a qualidade dessa formação. Aliás, deparou-se recentemente com uma poderosa disputa imposta por uma juíza do trabalho de São Paulo, que decretou o fim da exigência do diploma de Jornalista para a obtenção do registro profissional, uma conquista alcançada sob a dedicação e o empenho de muitos profissionais históricos da categoria.

Estão no documento “Bases de um programa nacional de estímulo à qualidade da formação em Jornalismo”, elaborado conjuntamente pela Associação Brasileira de Escolas de Comunicação, Associação Nacional de Programas de Pós-graduação em Comunicação, Executiva Nacional dos Estudantes de Comunicação, Federação Nacional dos Jornalistas e Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares de Comunicação, as definições para o fortalecimento do ensino-aprendizagem, fundantes de um processo de melhoria da qualidade do trabalho desenvolvido nas escolas de comunicação, que servem tanto para os estudantes quanto para os professores.

O tema foi também motivo de preocupação e debate entre os professores de jornalismo, reunidos de 28 a 30 de abril de 2002, em Porto Alegre, no V Fórum Nacional de Professores de Jornalismo que discutiram “ética no Jornalismo, qualidade no ensino”. Para o professor Bernardo Kucinski, da ECA-USP, palestrante da abertura do evento,

[...] a ética é um elemento político, que deve estar na formação do profissional, em seu perfil construtor de uma sociedade moderna, que inclui a solidariedade e justiça como complementos. Mas isso não faz parte dos processos político-governamentais, onde o neoliberalismo domina, estimulando o individualismo e a competição. (KUCINSKI, 2002, palestra Fabico-Ufrgs)

Não só questões éticas fazem parte desse conjunto de elementos necessários à formação acadêmica, e não é sem razão que também se renovam e se fortalecem os projetos pedagógicos dos cursos a partir da aprovação mínima pelo Ministério da Educação e Cultura, em algumas universidades e centros universitários.

1. A PRODUÇÃO DO LABORATÓRIO DE RADIOJORNALISMO

Ao se pensar o trabalho realizado pelo Laboratório de Radiojornalismo do Centro Universitário Feevale, partilha-se do pensamento de Morin:

A função dos mestres não é apenas cumprir a carga horária e o conteúdo programático. Os educadores devem, a partir dos problemas de suas classes, explorar temas afins. Em uma determinada aula o professor pode, por exemplo, criar espaço para debater os programas de televisão. Os estudantes devem ser esclarecidos de modo que a mídia seja interrogada e vista sob o prisma crítico. O que acho ruim é a posição de se sentir em uma cidadela atacada. Os jovens precisam perceber como são construídos os programas: sua montagem, estrutura e funcionamento. Outro exemplo são as telenovelas, cuja audiência é significativa. Por que elas apaixonam e atraem? Mas enfim, em vez de ficar criticando a influência persuasiva da mídia e culpá-la pelo aumento da violência, devemos abastecer nossos jovens para que possam assistir à programação criticamente. (MORIN, 2000, Internet)

Na construção do conhecimento a partir do que o autor diz, e observando-se de outra forma o pensamento de Paulo Freire, de que todo o aprendizado teórico deve ter uma referência na prática, se fortalece o trabalho relacionado às práticas experimentais do “fazer rádio” no Laboratório de Radiojornalismo do Centro Universitário Feevale (o que originou este artigo). Aproveitou-se a disponibilidade técnica dos estúdios de rádio e a oportunidade oferecida pela Rádio ABC, 1470, pertencente ao Grupo Editorial Sinos, de Novo Hamburgo, com uma abrangência para 27 municípios, e um quilowatt de potência, inicialmente para que os estudantes, sob a orientação dos professores, realizassem produtos radiofônicos e divulgassem na emissora. E ao se analisar este fazer, percebeu-se a partir do início da produção de um programa de meia hora de inserção diária na programação da emissora, entre o grupo de quinze estudantes, a satisfação de ser sujeito, a necessidade de pertencimento e apropriação do conhecimento, juntamente com o exercício de re-elaborar o trabalho de sala-de-aula, inserindo-o como produto de comunicação direcionado a um público radiofônico.

Com esta prática, constata-se a importância do ser sujeito no fazer cotidiano, como afirma Freire:

A experiência histórica, política, cultural e social dos homens e das mulheres jamais pode se dar “virgem” do conflito entre as forças que obstaculizam a busca da assunção de si, por parte dos indivíduos e dos grupos e das forças que trabalham em favor daquela assunção [...] A solidariedade social e política de que precisamos para construir a sociedade menos feia e menos arestosa, em que podemos ser mais nós mesmos, tem na formação democrática uma prática de real importância. A aprendizagem da assunção do sujeito é incompatível com o treinamento pragmático ou com o elitismo autoritário dos que se pensam donos da verdade do “saber articulador. (FREIRE, 2001, p. 47)

Portanto, é da prática aliada à teoria que se forma uma mediação do conhecimento exercida pelo professor, transmitida ao estudante, que por sua vez realiza igualmente a sua mediação, isto é, formula o seu próprio processo de conhecimento.

Ao desenvolver a prática de produção radiofônica, os professores que trabalham no Laboratório de Radiojornalismo do Centro Universitário Feevale têm presente, a partir do momento de sua constituição em 2001, os elementos teóricos que orientam para uma prática não só voltada para “formar para o mercado”, mas para a formação do sujeito-cidadão-profissional que reflete, pesquisa, estuda e ausculta o mundo na sua totalidade, procurando se inserir como observador e um agente social que contribui para a transformação desse mundo.

As discussões acadêmicas desenvolvidas nos Encontros, Seminários, Cursos, Colóquios e Mesas-Redondas, realizadas nos últimos anos, têm lançado luzes sobre estas produções e seus resultados têm auxiliado os professores, de maneira geral. Mas, ainda assim, a produção dessas informações fica restrita aos grupos específicos de estudos, cabendo a quem tiver interesse, buscá-las nos diferentes segmentos.

Inicialmente, a proposta da emissora (carente de profissionais e de novos recursos que lhe permitiam uma ampliação técnica e humana, porque ‘aparentemente’ ocupa um espaço público que não é tão disputado pela concorrência, e com uma lucratividade que, ‘aparentemente’, não tem estimulado novos investimentos do grupo empresarial ao qual pertence) ofereceu espaço em sua grade de programação para que os universitários produzissem boletins informativos.

Sob um olhar pedagógico, a experiência tem sido praticada no próprio campus, inicialmente com gravações dos boletins e envio para a Rádio 1470 (a partir de 2001 até 2003) e posteriormente para a Rádio ABC 900, (emissora comprada pelo Grupo Editorial Sinos em 2003) sendo que, num estágio mais atual (primeiro semestre de 2005) configurou-se um contato através de linha telefônica, dando a agilidade do ‘fazer ao vivo’, com toda a produção sob comando do Centro Universitário.

A proposta inicial foi ampliada para a transmissão de programas com uma hora de duração e veiculação em dois dias na semana, às terças e quintas-feiras, entre 17h e 18h, e atualmente, para a condição de produção diária, e veiculação ao vivo no mesmo horário. O programa “Frequência Livre”, nome escolhido e aprovado democraticamente pelos integrantes da equipe, tornou-se o carro-chefe da produção do Laboratório, sendo referência para a conquista de prêmios regionais em 2003 e 2004 e um nacional em 2004.

A decisão, primando pelas possibilidades experimentais das práticas e teorias discutidas em sala-de-aula pelos integrantes do Laboratório de Radiojornalismo e de estudantes voluntários, objetivou cumprir totalmente com as exigências internas do projeto e construir produto comunicacional que revelasse seu grau de comprometimento com a formação dos novos profissionais, com a prática acadêmica e com a sensibilidade social, com a qual se deseja formar o comunicador do futuro.

Sempre dentro da perspectiva de aprendizagem, a produção dos programas tem-se consolidado na medida em que estas produções são marcadas pela execução dos estudantes do Curso de Comunicação Social. Eles exercem todas as etapas necessárias para a veiculação, desde a discussão da pauta, passando pela elaboração das matérias, do roteiro, da edição e da locução. Cumprem com os prazos determinados para cada uma destas práticas e, acompanhados pelos professores-coordenadores, vão avaliando as produções e as formas de produzir que se depreendem da prática do Laboratório de Radiojornalismo.

As possibilidades de mudanças oferecidas pela direção da Rádio ABC 900, em 2004, oportunizaram o exercício de novas produções, como o programa “Cenários”, veiculado às quintas-feiras. O programa aborda o principal tema da semana, inclui entrevistas e debates com especialistas em diferentes assuntos, tudo isso no próprio estúdio de rádio do Centro Universitário. A outra produção, com um caráter ainda mais comunitário e voltado para a discussão e debate de temas relacionados com os bairros e moradores do Vale do Sinos, denominou-se “Café Comunitário”, às sextas-feiras. Também realiza entrevistas com especialistas, mas tem como diferencial a participação direta dos moradores das zonas em debate.

Depois das experiências realizadas e da sustentação, tanto em quantidade quanto em qualidade das produções, consolidamos a relação com a emissora do Grupo Editorial Sinos e, no início de 2005, passamos a transmitir esta programação diária e ao vivo - como já comentamos anteriormente - por meio de linha telefônica de um dos estúdios de rádio do Centro Universitário Feevale para o estúdio da Rádio ABC 900. Estava encerrada, aí, a série de gravações que eram realizadas e enviadas para a emissora, o que se constituiu, sem dúvida, em parte importante do aprendizado dos estudantes do Laboratório de Radiojornalismo.

2. O FAZER COTIDIANO

Mais pela agilidade e possibilidades de atualização das informações, o rádio é, ainda hoje, o veículo que tem mais alcance e que oferece acessibilidade com baixo custo à população ouvinte. Mesmo que a Rede Mundial de Computadores tenha recursos tecnológicos interessantes para estabelecer conexões no planeta, suas potencialidades se revelam diferenciadas e próprias, não extinguindo as qualidades pertinentes ao veículo radiofônico. Para Jung,

As divergências históricas entre jornalismo e publicidade são o álibi para a defesa da tese de que o rádio pode ser explorado com inteligência e discernimento como meio de comunicação social, transformando-se em instituição da cidadania. As duas empresas reconheceram a força de convencimento do veículo. (JUNG, 2004, p.16)

As “divergências históricas” citadas pelo autor, não se constituem em elementos que se contrapõem. Pelo contrário, se completam mais ainda atualmente, diante das variações de possibilidades que o mercado demanda.

Assim, há que se estar atento para essas modificações constantes que intervêm nas produções radiofônicas do mercado, para se localizar os elementos pertinentes e potenciais na elaboração de trabalhos práticos experimentais acadêmicos. É o que se pretendeu com as três produções realizadas pelos estudantes do Laboratório de Radiojornalismo do Centro Universitário Feevale, “Frequência Livre”, “Cenários” e “Café Comunitário”.

O processo de realização parte de uma reunião semanal com todo o grupo de participantes (estagiários e estudantes-funcionários, além de estudantes bolsistas) na qual se estabelecem pautas (assuntos) para serem abordados nos programas de toda a semana seguinte. Avalia-se a produção, comenta-se sobre o trabalho já realizado e o que se pretende realizar, orienta-se e discute-se novas formas de abordagem dos temas, como se encaminham as matérias, enfim, estrutura-se a produção. Nesta reunião, aborda-se todos os assuntos relativos à vida da instituição e fora dela, pertinentes para a comunidade, no sentido de se estabelecer conexões com os ouvintes do programa.

Segundo o jornalista Marcelo Parada,

Hoje, e cada vez mais, exige-se o envolvimento total (de quem trabalha em rádio), ou seja, além da função específica, o iniciante deverá mostrar interesse em aprender sempre com os mais experientes, ter iniciativa, arriscar-se a escrever textos, sugerir pautas, mostrar-se atento à programação, tanto da emissora quanto das concorrentes.” (PARADA, 2000, p. 134)

No processo inicial são considerados sempre, apesar da perspectiva de abordagem regional, nacional e internacional, aspectos relativos à realidade do Vale do Rio dos Sinos, da Feevale e das populações da região de abrangência da rádio ABC 900. A partir das pautas, procuram-se profissionais que possam ser fontes representativas dos temas propostos, com a perspectiva de levar à população informações novas, esclarecedoras e contextualizadas, aproveitando-se a

presença de um sem-número de especialistas de diversas áreas do conhecimento que convivem na Feevale. Mesmo priorizando os especialistas da instituição, essa participação não é limitada a outros especialistas e/ou protagonistas dos fatos e assuntos desenvolvidos nos programas que se encontram fora do âmbito acadêmico. O grupo de estudantes se torna, a partir da reunião de pauta principal, responsável pelas tarefas a serem executadas para a realização dos programas.

Apresentamos aqui a constituição do Programa “Frequência Livre” que, na sua finalização, se constitui como uma revista radiofônica informativa. A seguir comentamos sobre o conteúdo de alguns blocos que foram criados com o programa:

AGENDA FEEVALE - Este bloco apresentado nas segundas, quartas e sextas-feiras, traz notícias atualizadas da Feevale. O objetivo principal é tornar o ouvinte ciente das atividades oferecidas pela instituição, como cursos, palestras e eventos, além de registrar importantes visitas aos campi e ações da instituição.

BLOCO MUSICAL: Apresentado terças e quintas-feiras, o bloco musical é uma produção que valoriza a música, em especial a brasileira, contando sempre a história do artista. Local de nascimento, trajetória no meio musical e discografia são apenas algumas informações abordadas neste momento do programa. É uma produção que apresenta artistas renomados, mas também novos profissionais desta arte, que não estão inseridos na mídia.

BLOCO SÉTIMA ARTE - A produção é apresentada nas segundas, quartas e sextas-feiras. Informações completas sobre lançamentos de cinema, dicas de filmes e as histórias dos astros da sétima arte compõem esta produção, que é pensada e desenvolvida a partir da temática abordada no dia. Uma maneira descontraída de informar o ouvinte, trazendo cultura e possibilitando divertimento.

TOQUE DE CULTURA - Diariamente, o Toque de Cultura traz opções culturais da região do Vale dos Sinos e arredores, além da capital gaúcha. Dicas de livros, shows, peças teatrais e exposições de arte são apenas algumas das

alternativas propostas.

VIAGEM HISTÓRICA - Uma produção que resgata a história de Novo Hamburgo e de outras cidades da região. Percorrendo as ruas da cidade, falamos sobre as personalidades que têm nome de rua. O que elas fizeram no decorrer de suas vidas, e qual a contribuição que deram para o município, são os principais pontos destacados. Essa história é apresentada todas as terças-feiras.

INVASÃO DE PRIVACIDADE - Diariamente um estudante usa o telefone para entrevistar, de forma aleatória, algumas pessoas da população sobre o tema principal do programa. É um quadro gravado “ao vivo”, que surge a partir de telefonemas feitos do estúdio de rádio para números escolhidos no momento, promovendo uma participação espontânea de quem atender à chamada.

Para cada uma das etapas de produção, e na realização dos dois outros programas do Laboratório de Rádio, há o acompanhamento pedagógico dos professores-coordenadores, alertando os estudantes para a uma reflexão crítica e construtiva, no processo de elaboração do programa.

É a partir deste fazer que se pensa e se re-elabora pedagogicamente o trabalho em sala-de-aula. Na medida em que o estudante-cidadão-sujeito-profissional se apropria do processo prático do programa de rádio, também apreendendo a pertinência das relações no grupo, adequações de postura, elaboração do pensamento sobre este fazer, percebe-se que essas atividades são de fundamental importância na execução do trabalho de ensino-aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das experiências realizadas por todos aqueles que passam pelo Laboratório de Radiojornalismo do Centro Universitário Feevale, pelo desempenho didático-pedagógico dos professores-coordenadores e dos estudantes envolvidos, entende-se que é de fundamental importância a análise permanente sobre o fazer radiofônico. A partir dele é que se estabelecem parâmetros teóricos na produção acadêmica experimental, uma vez que é neste lugar que

se busca, se faz e se refaz o conhecimento científico. A oportunidade ofertada pelo ensino das disciplinas relacionadas ao rádio, e a operacionalidade disponível de um espaço em laboratório tecnicamente bem equipado, como é o caso, estimula a elaboração de novos questionamentos, entendimentos sobre o que se produz, e a ampliação disso para novos exercícios e elaborações teóricas.

O inusitado do trabalho executado em parceria com uma emissora comercial local tende para a construção de uma estrutura básica de produção radiofônica, que visa ao mercado profissional, assentado em reflexões e na busca de transformações desse mercado com o conhecimento adquirido na Universidade.

Ao relacionar-se o texto jornalístico com a produção artística para o rádio, por exemplo, percebem-se as diferenças próprias do desconhecimento dos estudantes para o uso adequado do meio, o qual é voltado para a função informativa, hoje, mais do que em épocas anteriores. Como afirma Meditsch:

Arte e jornalismo, enquanto esferas de atividade desiguais, com finalidades diversas, definem assim diferentes gêneros de discurso produzidos a partir da mesma linguagem radiofônica. A observação do uso que o jornalismo faz desta linguagem demonstra que as variações em relação ao uso feito pela arte são determinadas principalmente por uma diferente intenção” (MEDITSCH, 2001, p. 177)

A discussão que se apresenta é um dos tantos elementos trabalhados com os estudantes quando se definem os processos de aprendizado sobre o fazer radiofônico. Mas as situações teóricas colocadas são analisadas sob a luz de práticas e estratégias características do meio que se distingue dos demais, por sua própria natureza tecnológica. Acrescente-se também aqueles elementos não só referentes a essa natureza, mas os que se agregam ao conteúdo e aos sentidos que se configuram a partir do uso da palavra falada, e a credibilidade que isso adquire para quem ouve a mensagem transmitida. A percepção desse processo só é possível com o uso constante do meio e a reflexão sobre suas potencialidades. Este é o marco referencial que norteia as ações e reflexões realizadas no âmbito do Laboratório de Radio-jornalismo do Centro Universitário Feevale.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia*. Paz e Terra, São Paulo, 2001. **Caderno “Bases de um programa nacional de estudo à qualidade da formação em jornalismo”** - Federação Nacional dos Jornalistas/ Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Rio Grande do Sul - 2001.

JUNG, Milton. *Jornalismo de Rádio*. São Paulo: Contexto, 2004.

KUCINSKI, Bernardo. *Palestra na Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação/ V Fórum de Professores de Jornalismo*, Ufrgs, Porto Alegre, 2002.

MEDITSCH, Eduardo. *O Rádio na Era da Informação*. Santa Catarina: Insular, 2001.

MELO, José Marques de. *Jornalismo Brasileiro*. São Paulo: Sulina, 2003.

MORAES, Denis de (Org.). *Por uma Outra Comunicação*. São Paulo: Record, 2003.

MORIN, Edgar. *Trecho extraído de entrevista concedida à jornalista Viviane Viana, de O Dia, publicada em 27/06/2000*. Rio de Janeiro/RJ - Internet/2005 <www.mbalmeida.pro.br> Acesso em 15/05/2005.

PARADA, Marcelo. *Rádio: 24 de Jornalismo*. São Paulo: Panda Books, 2000.